

Boa noite a todos

Vou me antecipar e pedir desculpas pelos episódios de tosse q poderão permear minha fala.

Médico também fica doente. Não devia ...

Herdeiros de Hipócrates: um chamado à defesa da Medicina no Espírito Santo e no Brasil

Excelentíssimos Senhores Deputados, Exmo deputado Dr Hudson que mui gentilmente me permitiu estar aqui hoje, demais autoridades, estimados colegas médicos e querida sociedade capixaba,

É com profundo senso de responsabilidade e orgulho que ocupo esta tribuna para celebrar o 18 de outubro, Dia do Médico e representar nossa classe.

O dia 18 de outubro foi escolhido como Dia do Médico em homenagem a São Lucas, que é considerado o padroeiro dos médicos na tradição cristã. São Lucas viveu no século I d.C., era médico e um dos quatro evangelistas do Novo Testamento, sendo conhecido por sua dedicação aos cuidados dos doentes. A associação dessa data com São Lucas tem origem histórica antiga, e seu patronato foi proclamado pelos médicos já no século XV, quando a Universidade de Pádua, em Vêneto na Itália, iniciou o ano letivo em 18 de outubro em sua homenagem.

Mas hoje, peço licença para ir além da celebração. Quero convidá-los a uma breve viagem no tempo — uma reflexão sobre a alma de uma profissão tão antiga quanto a própria civilização, e cujos pilares hoje enfrentam sérios desafios.

Ser médico não é apenas uma escolha profissional; é uma entrega.

É um chamado que ecoa através dos séculos.

Essa dedicação que vemos nos jovens estudantes e nos colegas mais experientes — noites em claro com o peso dos livros, feriados sob a luz de um plantão, o sacrifício do convívio familiar — não é nova.

É a mesma entrega de Hipócrates, na Grécia Antiga, que transformou em juramento: um pacto sagrado que ainda hoje guia nossas mãos e consciências, lembrando-nos sempre do princípio fundamental — *Primum non nocere*: primeiro, não lesar.

Juramento esse que se finaliza originalmente assim:

“Se eu cumprir este juramento com fidelidade, que me seja dado gozar felizmente da vida e da minha profissão, honrado para sempre entre os homens; se eu dele me afastar ou infringir, o contrário aconteça.”

Quando a longa jornada da formação termina, o médico encontra sua verdadeira vocação nos corredores dos hospitais, nos ambulatorios e consultórios.

Ali, tornamo-nos herdeiros de uma linhagem de gigantes: herdeiros da curiosidade de Galeno, da coragem de Ignaz Semmelweis, que salvou vidas com o simples ato de lavar as mãos; herdeiros da compaixão de Florence Nightingale, que transformou o cuidado em ciência.

E, em nosso próprio solo, herdeiros da genialidade de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, que provaram que a melhor medicina é aquela que defende a saúde de todo um povo.

Carregamos esse legado em cada diagnóstico, em cada cirurgia, em cada vida que tocamos.

E que privilégio imenso é ser médico!

Que honra indescritível é ser instrumento do alívio e da esperança.

Nada paga o gesto silencioso de gratidão de quem recupera a vida — é ele que nos lembra, todos os dias, por que escolhemos este caminho.

É em nome dessa herança, desse compromisso inabalável com a vida, que hoje uso esta tribuna para fazer um alerta:

um alerta sobre a profanação do berço onde os futuros médicos deveriam ser forjados — as faculdades de medicina.

Assistimos, com imensa preocupação, à proliferação de cursos que são meras sombras das verdadeiras escolas médicas do passado.

A UFES, a EMESCAN e outras instituições que prezam pela excelência, são referências que honram nossa história.

Mas, em contraste, multiplicam-se faculdades sem corpo docente qualificado, sem laboratórios adequados e, o mais grave, sem hospitais de ensino — onde a verdadeira medicina se aprende, não apenas nos livros, mas ao lado do paciente. Olho no olho.

Senhoras e senhores, a medicina não nasce da memorização passiva.

Ela nasce da dúvida socrática, do questionamento inquieto à beira do leito.

Como se aprende a ouvir o sopro de um coração sem um paciente real?

Como se compreende a humanidade da perda sem o amparo de um mestre experiente?

Muito nos preocupa o risco de entregar à sociedade uma geração de profissionais com um possível vazio na formação.

E isso não é um problema corporativo — é uma ameaça direta à saúde de cada cidadão capixaba.

A mercantilização do ensino médico é uma roleta-russa com o futuro da nossa gente.

Por isso, neste Dia do Médico, nosso maior pedido não são aplausos, mas compromisso.

Um compromisso desta Casa Legislativa com a fiscalização rigorosa e a defesa intransigente da qualidade do ensino. Em especial na sua comissão de Saúde.

Valorizar o médico é garantir que ele seja um herdeiro digno de Hipócrates — e não uma vítima de um sistema que coloca o lucro acima da vida.

Porque os maiores beneficiários de uma medicina forte e bem formada serão sempre o povo, a quem todos nós servimos.

Aos meus colegas médicos, que honram seu juramento todos os dias, deixo meu abraço e minha mais profunda admiração.

Vocês são a força que pulsa no coração do nosso sistema de saúde.

Que este 18 de outubro nos inspire a cuidar de quem cuida.

E que juntos possamos garantir que a nobre arte da medicina continue a ser exercida com a excelência, a ciência e a humanidade que nossa história exige — e que cada vida merece.

O meu Muito obrigado.